

555

Ciclo Gutenberg

1ª Sessão expositiva

REGISTO DE VIVER

de
Alberto Pimenta

Antes da *imprensa* era o *silêncio*, e depois do *digital* é o *ruído*. Não é só o *ruído*, é claro, também é o *silêncio*, assim como antes da *imprensa* não era só o *silêncio*, também era o *ruído* (martelar em pedra, rascar papiro e outros materiais ásperos como o pergaminho), tudo para perpetuação de batalhas, heróis, coroações, mártires, bodas que nessas épocas nas ruas davam que falar, enquanto nos aposentos se preparava cuidadosamente o herdeiro.

E foi com o ruído dos ruídos que Gutenberg em 1455 – antes disso já tinha imprimido quase em segredo alguns textos como o “Poema do Juízo Final” (1445) – deu ao mundo a imprensa, e para tal escolheu a *Vulgata*, isto é, a Bíblia em latim; essa primeira impressão, conhecida como Bíblia Gutenberg ou Bíblia das 42 linhas, veio quase um século antes da tradução integral da Bíblia para alemão por Lutero (1534).

Gutenberg deu pois oficialmente início à imprensa há 555 anos, data nada apelativa para os comemoradores oficiais ou de ofício, mas por isso mesmo e por 555 ser número capicua (*cabeça e cu*) e porque capicuas em 5 têm qualidade mágica, Carlos Cabral Nunes teve a atenção e depois a inspiração que levou ao achado.

A ideia que ele há uns cinco meses atrás me transmitiu consistia em fazer deste mágico 555 um grande Ciclo Gutenberg que fosse desde o primeiro momento da imprensa que punha o texto a circular para todos (no Porto havia há 50 anos o 515, um dos mais famosos bordéis da cidade, obviamente também para todos – ah este 5!), até à realização do *digital* em livro (1971), portanto há 39 anos = 3x 13 (número feminino tanto este último, 13, como o primeiro, 3), e aqui a analogia já será a da *call-girl* ambiciosa, até às cibernéticas mais ousadas. E assim pretende ser este Ciclo.

Calhou-me (ousado tradicionalista) abrir o Ciclo com um poema-livro com as folhas (ex)postas a evocar a secagem num cordel, como se usava no tempo de Gutenberg e ainda muito depois, enquadradas com algumas manchas de cera de tochas que alumiam a longa impressão desses tempos.

Para mim a questão era encontrar uma réplica adequada da Bíblia, não no tamanho nem na extensão, mas no teor e intenção. Levei algum tempo a perceber que a Bíblia afinal, desde o Génesis com a sua queda (depois da quebra dum interdito), passando pelos Mandamentos, pelo Livro das Leis, Deuterónimo, Provérbios até ao Apocalipse, é um livro de interditos. Uma espécie de Código Civil e Código Penal juntos e muito pré-surrealismo pelo meio. Era aqui na terra que se tratava do céu e vice-versa.

Uma vez chegado a este ponto (primeiro passo) travei uma das minhas costumadas relações com um importante jornal de um país do espaço europeu de 19 de Setembro de 2009.

Nele se relatava largamente o tipo de castigo infligido em Miami aos autores de várias quebras de interditos sexuais. E a notícia (grande quase de uma página) era acompanhada de uma fotografia.

Poucos dias depois chegava outra notícia: a detenção de Roman Polanski, caído na ratoeira que a Suíça lhe armara por conta dos Estados Unidos. Aí tinha eu o tema certo e seguro: o interdito quebrado. Agora era o interdito do céu na terra, claramente era o interdito do gozo, porque a terra deve ser uma peregrinação de trabalho(s) para ganhar o céu, e obviamente era esse tipo para-religioso de interdito que me interessava. Misturei também duas ou três personagens autoras de pequenos delitos de violência, para que o quadro não caísse involuntariamente num mero tom idílico-elegíaco, descabido fora talvez do bravíssimo género telenovela. O texto poderia mesmo caber num género anti-telenovela, com a sua enumeração quase épica dos anti-heróis.

A primeira personagem do poema é real, é a da notícia de 19 de Setembro. As restantes, à semelhança das personagens alegóricas ou míticas da Bíblia, Adão e Eva fetichistas de animais como a serpente, Abel e Caim os primeiros gay a ter desavenças por falta de segurança social, David e Golias pedófilo este último morto pelo protegido por imposição do clá, Sansão e Dalila ou Judite e Holofernes, putas a soldo do inimigo (como diz Michel Leiris), as restantes personagens de *Registo de viver* são ficção alegórica construída a partir de ambientes e comportamentos (im)próprios naquele meio.

Aqui está o poema agora exposto na Galeria PERVE, já organizado em livro pelas artes de Carlos Cabral Nunes, que faz no seu tempo o que Gutenberg fez no seu, e ainda registado na voz do autor, ou seja, na minha, com colaboração do soprano Manuela Moniz, que interrompe a narração, introduzindo cada um dos trágicos (aqui tragicómicos) casos enunciados.

Alberto Pimenta na Galeria PERVE
in: a. D. 2010 m. D. Janeiro d. D. 19